

## EPISÓDIO 66. SERÁ ESTE O FIM DAS ONG TAL COMO AS CONHECEMOS?

*Esta transcrição foi gerada pelo software de transcrição Trint e editada pelo pessoal da TDR. A Organização Mundial de Saúde não é responsável pela exactidão da transcrição.*

**Garry Aslanyan** [00:00:08] Bem-vindo ao podcast Global Health Matters. Sou o teu anfitrião Garry. Neste episódio, estamos a fazer uma pergunta que está no centro do futuro da saúde global. Quem é que lidera e quem decide? Durante décadas, as ONG internacionais têm sido fundamentais para a saúde global e para a resposta humanitária, mas num mundo em mutação, com os orçamentos de ajuda a ser cortados e a confiança em jogo, as pessoas questionam o papel destas organizações. Ao mesmo tempo, as organizações locais da sociedade civil e os movimentos de base demonstram todos os dias que a proximidade de um problema é um dos recursos mais poderosos que têm para o resolver. Neste episódio, exploramos como poderia ser um modelo de ONG mais equitativo e com base local e o que será necessário para chegar lá. Para discutir isso mais adiante, juntam-me dois convidados que trazem perspectivas muito diferentes mas profundamente complementares a esta questão. Primeiro, ouvirá de Deborah Doane, Deborah é parceira do Rights CoLab e organizadora do Projeto RINGO, uma iniciativa dedicada a reimaginar ONGs internacionais, para que a sociedade civil em todos os lugares possa ser mais equitativa, com mais de 20 anos de experiência trabalhando em direitos humanos, desenvolvimento e justiça económica, ela escreveu recentemente um livro chamado “The INGO Problem, Power, Privilege, and Renewal”. Mais tarde no episódio, ouvirá Angela Oduor Lungati. Angela é diretora executiva da Ushahidi, uma organização tecnológica sem fins lucrativos sediada em Nairóbi. Ela é tecnóloga, construtora de comunidades e defensora do código aberto com mais de uma década de experiência no avanço da tecnologia inclusiva para comunidades historicamente marginalizadas. Vamos começar com a Deborah. Olá Deborah, bem-vinda ao espectáculo.

**Deborah Doane** [00:02:32] Obrigado.

**Garry Aslanyan** [00:02:33] Então, vamos começar, Deborah. Neste podcast das últimas cinco temporadas, voltamos frequentemente à ideia de que a história molda o presente. É interessante que tenha surgido em muitos dos episódios, e talvez, para começar, possam orientar-nos sobre como surgiu o modelo internacional de ONG e o que originalmente motivou a sua criação ou como surgiu.

**Deborah Doane** [00:03:01] Quer dizer, também gosto muito de ter uma visão de longo prazo porque, sabes, pensamos que tudo é tão importante agora, mas estas coisas foram moldadas ao longo do tempo. Quer dizer, o INGO começou mesmo, e isto é contestado, mas com a fundação penso no movimento da Cruz Vermelha, e comecei a minha carreira na Cruz Vermelha, por isso estou muito orgulhoso disso, estranhamente, no final dos anos 1800, 1860. A razão pela qual digo que foi contestado porque dei uma palestra e alguém disse: “Não, foi a YMCA que fundou as ONGs. Não me aprofundi na história da YMCA desde então, mas acho que eram mais ou menos na mesma época, e foram baseadas apenas em pessoas querendo ajudar, apenas dizendo que há pessoas lá, ouvimos que precisam. Como é que os ajudamos solidariamente? Entramos nos anos 60 na Oxfam e estava a querer ajudar com a fome, a fome de Biafran e ajudar a apoiá-la. Acho que nos tempos pós-coloniais, as ONGs cresceram e floresceram depois da Segunda Guerra Mundial em torno da descolonização, e mudaram-se para os novos países independentes para prestar serviços onde os governos não podiam. Começaram a receber uma posição oficial nas Nações Unidas e, em grande parte, permaneceu assim até cerca dos anos 90, quando os orçamentos de ajuda subiram. Tivemos um crescimento maciço no sector das ajudas, os objectivos tentaram chegar a 0,7, e foi aí que as coisas realmente mudaram e as organizações se tornaram, diria menos sobre solidariedade e muito mais sobre profissionalismo.

**Garry Aslanyan** [00:05:05] Então, da sua perspetiva, quais foram alguns dos verdadeiros sucessos destas organizações ao longo dos anos que alcançaram?

**Deborah Doane** [00:05:11] Sim, como disse, iniciei a minha carreira na Cruz Vermelha e acho que a sua história dos princípios fundamentais em torno da ação humanitária, da humanidade, do voluntariado, da independência, da universalidade, são bases realmente importantes para todo o sector humanitário e eu diria que a Cruz Vermelha transportou essa bandeira. alguns desses princípios, como a neutralidade, estão a ser contestados agora e sob escrutínio e questionados no sector, mas penso que estabelecer esse tipo de visão sobre o que significa humanitário é um verdadeiro sucesso de alguém como a Cruz Vermelha. As histórias de sucesso para mim são realmente sobre advocacia e causas profundas, acho que justiça comercial, alívio da dívida internacional, justiça fiscal, houve alguns movimentos surpreendentes nos últimos 30, 40 anos, o movimento ambientalista, onde as ONGs tiveram realmente bons sucessos globais. Para mim, menos na acção humanitária, e podemos falar da minha crítica a isso à medida que avançamos, do que em algumas das questões mais profundas em torno da justiça económica e social.

**Garry Aslanyan** [00:06:36] Passou muito tempo a trabalhar com a INGO com a qual começou, mas também começou a examinar os desafios, como disse, do sistema e, obviamente, também escreveu um livro sobre este tema. Fora dessa investigação, do trabalho e da sua experiência, talvez me possa dar um pouco mais sobre quais são os problemas sistémicos que o sistema INGO enfrenta hoje, e como eles realmente aparecem na prática, o que está a acontecer neste momento.

**Deborah Doane** [00:07:11] Mencionei que cresceram exponencialmente de tamanho a partir dos anos 90, alguns deles estão na marca dos mil milhões de dólares, com salários, em alguns casos, superiores a um milhão de dólares da liderança sénior em muitas, várias ONGs. Acho que há dois problemas fundamentais subjacentes ao INGO tal como está agora, e o primeiro é que, devido a este domínio, eles posicionam-se como os salvadores dos problemas do mundo. Então, se olharem em qualquer site da INGO e eu pesquisar muitos deles, juntos podemos acabar com a pobreza, podemos acabar com a fome, podemos salvar as pessoas, são os únicos que vão salvar o mundo, e o segundo é o seu posicionamento junto da comunidade de doadores, e isso inclui o público em geral. Por isso, posicionaram-se para serem o principal canal de confiança para aceitar e filtrar o financiamento de fontes internacionais. E o que isto faz é que resulta no seu domínio, então é quase como o capitalismo corporativo, o domínio das INGOs perpetua o domínio das INGOs e torna-se um vencedor com todo o tipo de sistema. Então, eles têm o domínio do dinheiro no sistema, têm o domínio da voz, sabem, influência e voz. É mais provável que me peçam para prestar depoimento a uma comissão parlamentar do Reino Unido, apesar de não ter experiência numa situação humanitária num país de maioria global. Há o domínio das abordagens ocidentais e do conhecimento sobre como resolvemos os problemas. Portanto, alguém que está sentado em Genebra, Washington ou Londres provavelmente terá mais credibilidade para resolver um problema do que alguém que é do Sudão e está sentado no Sudão. E acho que como resultado disso, tornaram-se uma barreira para o crescimento de sociedades civis saudáveis em todo o lado. Não investem nessa sociedade civil saudável porque só investem no seu próprio crescimento. Esses são os principais desafios, desafios sistémicos que penso que vemos enfrentando as ONGs hoje. Tornam-se grandes sucessos, mas são agora uma barreira para a construção de uma sociedade civil saudável.

**Garry Aslanyan** [00:09:54] Interessante, como estavam a falar, peguei-me a pensar em algo em que trabalho, parcerias de investigação equitativas, e alguns dos intermediários entre as duas vezes são, não quero dizer o problema, mas às vezes contribuem para essa desigualdade, mesmo que os próprios parceiros estejam a entrar nele com uma mentalidade igual, mas depois há algo no meio que tem as

suas próprias políticas e coisas e que leva as coisas numa direcção diferente, encontrei-me a comparar com isso.

**Deborah Doane** [00:10:34] E duas coisas acontecem com isso, certo? Assim, o conhecimento torna-se extrativista. Portanto, extraímos o conhecimento e o usamos como nosso para intermediários com bastante frequência. Têm de justificar a sua própria existência e falar sobre, bem, este é o nosso papel, somos os únicos que podem juntar esse conhecimento. Torna-se um poder, uma questão de poder, quem tem poder no sistema mais amplo, e acho que é altamente problemático.

**Garry Aslanyan** [00:11:04] Portanto, na saúde global, há muitas conversas sobre descolonização, localização, e neste podcast, tínhamos isso a toda a hora. Acha que estas agendas deslocaram significativamente o poder do norte global para os países e atores locais nos últimos anos?

**Deborah Doane** [00:11:30] Queria que fosse esse o caso. Acho que há muita coisa a falar da boca para fora, embora essas conversas sejam muito diferentes nas comunidades francófonas. Não estão necessariamente a ter essas conversas no mesmo grau. Parece ser um domínio das discussões anglo-saxónicas sobre os modelos anglófonos. Há algumas exceções em que estamos a ver um pouco de desenvolvimento, então a Save the Children retirou-se em dezembro do Reino Unido, dos modelos de financiamento agrupados baseados nos países da ONU porque eles disseram que o financiamento deveria ir diretamente para OSCs locais em vez de ONGs, mas na maioria das vezes, especialmente porque os cortes de ajuda começaram no início do ano passado, e não foi apenas os EUA, são vários países europeus que cortaram significativamente os seus orçamentos de ajuda, o Reino Unido, onde eu sento, os orçamentos de ajuda a serem cortados. Temo que esteja a acontecer o contrário. Estou envolvido numa série de conversas com conselhos de administração e equipas de liderança sénior, algumas delas estão a dizer que a localização foi longe demais. Isso foi um luxo. Não podemos dar-nos ao luxo de fazer isso agora. Tenho conversas adiadas enquanto se reestruturam por conta própria, sem pensar na localização. No projecto RINGO para o qual contribuo, que consiste em reimaginar as ONGs e transferir o poder para as sociedades civis locais e nacionais, temos um protótipo para o que chamamos um convite à apresentação de propostas inverso, onde os atores locais centralizam o que querem precisar e, em seguida, lançam um convite à apresentação de propostas à comunidade internacional. Tivemos do lado da INGO, acabei de receber um e-mail hoje sobre isso, não temos orçamento nem tempo para responder, temos de nos concentrar nas nossas próprias necessidades agora. Ouvi de um membro do conselho de outra INGO algo bastante semelhante. Então, acho que o que está a acontecer é que as ONGs estão a recuar, estão a construir as suas próprias defesas e a localização e a descolonização tornam-se uma reflexão tardia.

**Garry Aslanyan** [00:13:39] E acha que o global e o local podem funcionar em verdadeira complementaridade em algum momento? Ou estes agentes vão mesmo permanecer nesse tipo de tensão, qual é a sua opinião a longo prazo?

**Deborah Doane** [00:13:58] A longo prazo, têm de o fazer, quer dizer, acredito firmemente, na sociedade civil, e acredito no conceito daquilo a que me refiro no livro como subsidiariedade, que é realmente a ideia de tão internacional quanto necessário e tão local quanto possível. E podes relacioná-lo com a tua própria circunstância, não precisas de ser humanitário a trabalhar em África, uma pessoa branca a trabalhar na África, a partir da Europa ou eu sou do Canadá originalmente, posso relacioná-lo no meu próprio país a Tenho muito mais probabilidade de poder falar com o meu vizinho sobre o que está a acontecer localmente e resolver um problema sobre o que está a acontecer na minha rua ou na minha comunidade, ao contrário de alguém vir da Save the Children no Bangladesh para resolver esse problema para mim. É muito mais ressonante lidar com a pobreza e a falta de

moradia na área de Londres do que eu, com atores locais, o banco de alimentos local, e outros. Por isso, penso que temos de transferir esse conhecimento para a forma como trabalhamos internacionalmente. Mas há conhecimento internacional e há conhecimento local, e acho que podemos trabalhar juntos. E se voltar a esse exemplo do convite inverso à apresentação de propostas, fizemos algumas experiências com ele, e então a nossa primeira foi na Zâmbia e a *Zambian Governance Foundation* trabalhou com várias comunidades locais para dizer, o que é que vocês já têm, quais são os seus ativos? E o que é que quer e precisa dos atores internacionais? E disseram: “Bem, poderíamos realmente usar alguma ajuda na formação sobre direitos reprodutivos, noutras questões humanitárias. Mas, em geral, disseram que podemos fazer muito disso sozinhos, mas continuamos a querer o apoio da comunidade internacional.

**Garry Aslanyan** [00:15:49] O que acha, porque é que eles querem continuar a ter essa ligação com as INGOs? É dinheiro ou é outra coisa?

**Deborah Doane** [00:15:59] É provavelmente uma mistura de ambos e a realidade é que uma INGO ocidental pode angariar quantias significativas de dinheiro, da população local, por isso não é apenas o seu papel no sistema de ajuda. Penso que, cada vez mais, o dinheiro da ajuda deve e vai ser directamente destinado ao financiamento das OSC locais. Mas penso que as ONGs podem angariar dinheiro muito melhor nas suas próprias comunidades locais do norte e desempenhar esse papel no financiamento. Mas também acho que é solidariedade, acho que há uma grande procura por uma maior solidariedade internacional entre ONGs e atores locais. E se trabalharmos juntos para isso, podemos ir muito mais longe como movimento.

**Garry Aslanyan** [00:16:49] Gostei quando falou do nível local e do ecossistema local nos países. Na sua opinião, o que é necessário agora para garantir que a sociedade civil, tanto as ONG locais como os movimentos de base, possam realmente florescer?

**Deborah Doane** [00:17:06] Sugiro que o papel das ONGs deveria realmente ser o de reforçar a sociedade civil em todo o lado. E nesta reacção que estamos a ver internacionalmente longe do cuidado com os outros e da solidariedade e do universalismo, acho que todos temos de construir isso, e isso só pode ir de baixo para cima. Então, como é que fazemos isso? Temos de assegurar que obtemos mais recursos para os intervenientes maioritários globais. Acho que podemos fazer crescer o que chamo catalisadores de ecossistemas. Podem chamar-lhe intermediários. Mas se virmos atores locais, catalisadores locais de ecossistemas africanos, latino-americanos e asiáticos, penso eu, precisamos de aumentar esse espaço, que também constrói os seus próprios recursos domésticos de angariação de fundos. Portanto, são fundos agrupados de propriedade local, podemos investir nesses, acho que precisamos reverter os nossos sistemas, esse exemplo da chamada inversa que dei, mas também os nossos sistemas de responsabilização. Por que razão estão os nossos sistemas de prestação de contas em que os intervenientes locais estão sempre a reportar em alta para o sector internacional? Qual é a nossa responsabilidade mútua uns com os outros? O *Pledge for Change* criou um sistema que tenta fazer isso, o Projeto *RINGO* apoiou-os nisso, e constrói uma espécie de forma circular bidirecional de responsabilização, e acho que precisamos mudar os nossos sistemas. Temos de abordar os nossos modelos de governação, de modo a que estes interliguem a responsabilidade mútua e a solidariedade. E, finalmente, acho que as ONGs e o sistema de financiamento precisam de estar abertos a correr muito mais riscos e a inovar e experimentar novas formas de fazer a sociedade civil, se quiserem. Portanto, essas são algumas coisas sobre as quais posso falar incessantemente sobre isso.

**Garry Aslanyan** [00:19:04] Isto é fantástico. A minha próxima convidada, Angela Lungati, está sediada no Quênia. Trabalha na intersecção entre tecnologia e dados orientados pela comunidade. Por isso,

estou ansioso por essa conversa. Queria perguntar-lhe qual é o potencial que vê em mais dados gerados localmente para realmente centrar o conhecimento, reforçar esta produção agrícola e este reforço mútuo de diferentes intervenientes e, no final, apoiar mais provas e tomadas de decisão lideradas localmente.

**Deborah Doane** [00:19:42] Tanta potencialidade. Sou um grande fã de algo chamado Talk to Loop, que é um sistema concebido para partilhar esse conhecimento local e apenas obter conhecimento local sobre como as pessoas estão a experimentar a ajuda e trazê-la para o sistema. Está aberto, tem várias linguagens ou qualquer linguagem possível, e não investimos suficientemente nesses sistemas comuns. Portanto, acho que temos de conduzir o conhecimento liderado localmente. A forma como alguém no Quênia, de onde a Angela vem, entrega um programa com a sua comunidade local ou a nível nacional, será muito diferente da forma como alguém entrega um programa em Columbia. As formas de trabalhar são diferentes. A cultura é diferente. Os modelos de tomada de decisão são diferentes e, como uma pessoa externa que entra, não percebo o suficiente sobre como o fazem e certamente não são tantos humanitários depois de uma viagem de três semanas ou três meses. Tem de ser orientado a nível local, e penso que precisamos de investir nesses modelos de conhecimento local. Mesmo nos nossos mecanismos de responsabilização, como é o sucesso? Quando começamos um projeto, não devia estar a decidir como é o sucesso porque pode ser algo muito diferente para um ator local. Então, houve um exemplo adorável que ouvi recentemente, onde foi considerado um fracasso quando havia doações diretas a atores locais numa situação humanitária e alguém basicamente aceitou isso na comunidade local para se mudar porque ela estava numa situação violenta na sua casa. Isso foi considerado um fracasso porque ela não o investiu em algum tipo de negócio, que era para isso que pretendia a subvenção. Porque é que isso não é sucesso? Então, sabem, é um exemplo bastante extremo, mas eu trabalhei com uma organização chamada Transform Trade e eles trabalharam com atores locais para dizer, com micro subvenções para investir na comunidade local em torno da justiça comercial e o que eles queriam era provavelmente completamente diferente para o que o sucesso parecia para o financiamento que foi fornecido os termos da construção de empresas locais, apenas reforçar a capacidade das pessoas de aparecerem, e a saúde da sociedade civil para elas foi um forte indicador de sucesso, em oposição a alguns dos tipos de resultados, não diminutivos, mas que tendemos a assumir, sabem, a mortalidade infantil ou os rendimentos aumentaram X por cento.

**Garry Aslanyan** [00:22:35] Coisas impessoais.

**Deborah Doane** [00:22:37] Coisas impessoais, orientadas por dados. Acho que temos de trabalhar com uma comunidade local para dizer, o que é o sucesso para si?

**Garry Aslanyan** [00:22:45] Certo, e o contexto também terá de contribuir para isso, onde estão e onde tem de estar a acontecer.

**Deborah Doane** [00:22:51] Tem de o fazer, especialmente agora no nosso clima político.

**Garry Aslanyan** [00:22:55] Finalmente, à medida que terminamos com uma última reflexão sua, quer estejamos ou não a assistir a este tipo de fim de era para as ONG como a conhecemos. Vêem que haverá uma renovação, e vamos passar por esta fase, e chegaremos a esse ponto em que este tipo de abordagens será a norma?

**Deborah Doane** [00:23:20] Acho que provavelmente é variável. Penso que estamos a assistir ao fim das ONGOs tal como as conhecemos. Só os cortes nos orçamentos de ajuda conduzirão a isso, porque

se pode arranjar alguém como a Save the Children, penso que 90% do seu orçamento humanitário veio de doadores bilaterais. Portanto, têm de evoluir. Têm de renovar de alguma forma e, para muitos dos financiadores maiores, podem deixar de ser o intermediário de escolha. Os governos estão também a olhar para a chamada relação qualidade-preço, o que por si só é problemático e não queremos instrumentalizar isso. Mas a realidade é que se enviamos dinheiro diretamente para atores locais, obtemos uma melhor relação custo-benefício e há muita investigação que sustenta isso. Portanto, há os compromissos da OCDE do DAC que estão a analisar como fortalecemos e empoderamos os atores locais também. Portanto, as INGOs não terão outra escolha senão, pelo menos, adaptar-se. Acho que se forem inteligentes, vão renovar e só podem fazer isso em parceria, em modelos de co-produção com atores locais. Acho que serão mais pequenos, deveriam ser mais ágeis e deveriam, em vez de dominar o sistema, trabalhar em colaboração com outros, e voltando ao meu comentário, se eles se considerassem que o seu papel é a força na sociedade civil em todo o lado, e a hipótese é que, se tivermos sociedades locais, regionais e internacionais mais fortes, as sociedades civis, estamos mais propensos a lutar e alcançar os nossos objetivos. E acho que as INGOs que renovarem trarão um valor acrescentado positivo a esse propósito.

**Garry Aslanyan** [00:25:02] Bem, isto foi fantástico, Deborah, gostei muito desta conversa. Obrigado por todos os seus insights. Mais uma vez, obrigado por virem ao espectáculo.

**Deborah Doane** [00:25:10] Muito obrigado por me recerem.

**Garry Aslanyan** [00:25:13] Deborah dá-nos um relato claro de como o modelo INGO evoluiu e porque é que, na sua escala e estrutura atuais, enfrenta desafios. O princípio que defende é tão internacional quanto necessário e tão local quanto possível. Para isso, será necessária uma mudança no local onde as decisões são tomadas, como os recursos fluem e cujo conhecimento é tratado como credível. Essa mudança é exactamente o que Angela Oduor Lungati tem trabalhado para construir. Angela mostra-nos como pode ser uma arquitectura diferente na prática. Plataformas que reduzem as barreiras às ferramentas de voz que funcionam em línguas locais e sistemas de responsabilização que funcionam em ambas as direcções. Vamos ouvi-la agora. Olá Angela, onde é que te encontro hoje?

**Angela Oduor Lungati** [00:26:12] Olá Garry, estás a encontrar-me em Nairobi, no Quénia.

**Garry Aslanyan** [00:26:15] Por isso, vou conhecer-te melhor, Angela, talvez possamos começar com a tua história. O que o levou primeiro a trabalhar na intersecção entre tecnologia, construção de comunidades e impacto social?

**Angela Oduor Lungati** [00:26:30] Vou levar-vos de volta ao início porque é aí que tudo começa comigo. Sou filha de dois engenheiros. Sabia desde muito jovem que queria fazer algo que imitasse o que os meus pais fazem. Queria muito ser como a mãe e o pai. Então, sabes, isso vai dar-te que quero que faças engenharia. Mas, ao mesmo tempo, acho que enquanto estava na escola, notei um jeito especial para a matemática. Adoro brincar com números e matemática e esse alinhamento atraiu-me para a tecnologia. O meu pai trouxe para casa um computador portátil do trabalho um dia; Acho que foi no passado em que podes fazer isso. Comecei a mexer nisso, a jogar jogos principalmente com ele. Mas, essencialmente, isso abriu a janela para, sabes, a tecnologia como algo interessante. Assim, quando chego à universidade, fiz um curso de ciência da computação, e depois entrei-me na indústria da tecnologia. Mas acho que o fator determinante também foi algo que penso que faz parte de quem sou. Sou uma pessoa muito social. Por isso, adoro o meu ecrã preto tanto como adoro interagir com as pessoas. Acho que é aí que entra o elemento de construção da comunidade. E quanto mais continuo a fazer este trabalho, mais fica claro para mim que o que quer que seja que eu construa e seja o que for

que esteja a ser construído usando a tecnologia tem de servir a um propósito específico. Tem de ser algo que conduza para a justiça e para o bem maior para todos, não apenas para mim. Então é por isso que ainda estou neste trabalho.

**Garry Aslanyan** [00:28:13] Interessante e tão interessante ver o quanto os nossos pais desempenham um papel na forma como escolhemos o interesse em algumas coisas. E os nossos ouvintes são novos na vossa organização, Ushahidi, o que significa realmente prestar testemunho, e podem dizer-nos um pouco mais sobre o nome. E também, talvez possam explicar o que é a plataforma, como dá espaço às vozes da comunidade, como os dados são usados para informar a ação.

**Angela Oduor Lungati** [00:28:50] Ushahidi é uma palavra suaíli que significa testemunho ou testemunho. Nascemos da violência pós-eleitoral que eclodiu no Quênia em 2007, 2008. E o desafio era realmente que havia muita coisa que estava a acontecer no terreno que ou estava a ser subnotificada ou nem sequer noticiada. Os fundadores basicamente criaram esta plataforma web, que é o que chamamos de plataforma Ushahidi que tornou mais fácil para as pessoas partilharem as suas experiências vividas em torno da crise naquela altura, usando ferramentas que já tinham acesso ao telemóvel, por isso SMS, usando o Twitter, e-mail e coisas do género, e usam-no para realmente mostrar ao mundo o que estava a acontecer. E essa tem sido a principal promessa ou premissa do que a plataforma representa. É realmente uma ferramenta de código aberto que torna mais fácil para as pessoas em todo o lado recolher rapidamente dados e especificamente as experiências vividas das pessoas a partir do zero e depois usar esses dados dessa experiência vivida para resolver os problemas que mais importam para elas. Então, é realmente como usamos a tecnologia para permitir que as pessoas levantem a voz e depois usamos essas vozes elevadas para responder de uma forma que será realmente baseada no que as pessoas precisam.

**Garry Aslanyan** [00:30:13] Interessante. Disse que o Ushahidi foi mobilizado em inúmeras crises, obviamente. Talvez nos possam dar um exemplo em que tem sido usado em situações relacionadas com a saúde ou em respostas de saúde pública, Angela.

**Angela Oduor Lungati** [00:30:28] Isto é interessante porque acho que o mais recente que posso trazer à cabeça é durante a pandemia COVID-19. Isto foi entre 2020, e penso em 2022 quando as coisas começaram a desaparecer. Vimos organizações da sociedade civil, mesmo alguns governos fazerem uso da plataforma de várias maneiras. Acho que um dos meus exemplos favoritos veio de Espanha. Há uma coleção de tecnólogos e organizações da sociedade civil que queriam usar a plataforma para orientar o que seria a intervenção do governo. Começaram por tentar mapear onde os recursos podiam ser encontrados, e acabou por evoluir para uma plataforma de ajuda mútua. Como a Angie poderia ajudar o Gary, que estava baseado em Madrid ou noutra lugar, talvez não pudéssemos sair para comprar mantimentos ou comprar remédios. E aqui estou a dizer que estou realmente disponível, e posso fazer isso. Portanto, era uma boa maneira de ligar as pessoas que precisavam de ajuda com pessoas que poderiam fornecer essa ajuda. E lembro-me deles mencionarem que o tipo de impacto que conseguiram criar foi que conseguiram distribuir mais de 28 000 máscaras em Espanha num período de talvez cerca de um mês ou mais e realmente ajudaram a orientar quais os esforços do governo para responder naquele tempo, nessa linha do tempo. E o mais bonito não é só que conseguiram fazer isso em Espanha, mas documentaram o modelo, replicaram-no em 22 outros países de língua espanhola em apenas alguns meses. Portanto, existem muitos mapas de Frena la Curva que fizeram o que sempre imaginariam que uma plataforma de código aberto faria, capacitar a população local a entrar e tornar-se parte da solução e apoiar os governos na resposta ao que foi uma crise de saúde pública.

**Garry Aslanyan** [00:32:25] Vamos mergulhar um pouco mais fundo especificamente no Quênia e ver o papel que as organizações da sociedade civil ou as ONG locais desempenham no fortalecimento das comunidades. E estão a preencher as lacunas que estão a faltar governos ou atores internacionais? É isso que está a acontecer?

**Angela Oduor Lungati** [00:32:44] Acho que sim, porque no Quênia, e penso que provavelmente é o mesmo em muitas outras partes do continente africano, a sociedade civil e as ONG locais agem como o tecido conjuntivo entre as pessoas e o poder, certo? Porque estão perto o suficiente das comunidades para perceber o que está a mudar e o que está a acontecer antes que se torne uma crise, seja a seca, sejam as lacunas de serviço ou a confiança pública a quebrar, certo? É mesmo que, por causa dessa confiança que também foi estabelecida entre a sociedade civil e os grupos que todos procuram servir, agem como esse tecido conjuntivo. Acho que a outra coisa que a sociedade civil faz é ajudar a traduzir o que é essa experiência vivida em insights acionáveis. Então, vão descobrir que o governo e os atores internacionais terão os recursos, certo? Mas talvez nem sempre tenhamos essa granularidade, a linguagem, o contexto, as relações e a confiança, e é isso que essas ONG vão levar a cabo. Sabem, têm a capacidade de nos reunir porque são confiáveis, são capazes de ouvir, são capazes de validar, são capazes de ajudar estas comunidades a organizarem-se para que as pessoas que procuramos servir não sejam apenas beneficiários, mas pessoas que podem realmente fazer parte da formação de como seria o apoio. E, por último, penso que também ajudamos a preencher lacunas na prestação de contas. Por isso, às vezes o papel da sociedade civil é a prestação de serviços, mas também é muitas vezes garantir que as decisões que estão a ser tomadas sejam informadas pela realidade no terreno e que estas comunidades também possam falar quando estes sistemas falham.

**Garry Aslanyan** [00:34:29] Estamos a ver muitas reduções, Angela, no financiamento da Global North, particularmente na saúde. Quer dizer, no ano passado, foram mudanças realmente monumentais em tudo isso. Então, da sua perspectiva e da sua experiência, este declínio é uma ameaça para, digamos, as organizações da sociedade civil no Quênia, para a sua sustentabilidade? Ou vai realmente abrir oportunidades para abordagens mais orientadas localmente?

**Angela Oduor Lungati** [00:35:02] Quer dizer, penso que, no curto espaço de tempo, é definitivamente uma ameaça, só porque abalou completamente o status quo. Passou um ano, estamos a ver os programas terem sido encolhidos, a divulgação parou. Há tantas organizações que tiveram de demitir pessoal. Neste momento, penso que há muitas ONG e organizações da sociedade civil que operam de projeto em projeto só por causa dessa queda repentina de financiamento. Por isso, é importante reconhecer que já causou muitos danos mas, ao mesmo tempo, vejo essa perturbação como uma oportunidade. É, em muitos aspectos, um ponto de inflexão porque está a colocar-nos num espaço de repensar o que é essa dependência. Durante muito tempo, muitas das prioridades foram provavelmente moldadas pela origem do financiamento, e não pelo que as comunidades poderiam precisar. Então, este momento também pode estar a forçar-nos a pensar realmente sobre como é a filantropia doméstica? Qual é a aparência de diversificar também os fluxos de receitas enquanto organizações sem fins lucrativos para não estarmos constantemente dependentes? Como é que nos parece colaborar localmente? Como é desenhar modelos que realmente recompensam o trabalho focado na construção de confiança e na construção de resiliência dentro dessas comunidades? por isso, estou a ter espaço para o quão doloroso é neste momento, mas também a olhar para a oportunidade que nos está a ser apresentada de ter isto realmente como um ponto de viragem e realmente pensar sobre quais são os sistemas que precisamos para prosperar, de maneiras que também nos fundamentem naquilo que são as nossas realidades vividas, ao mesmo tempo que canalizamos mais energia em torno de como sustentamos essas atividades nós mesmos.

**Garry Aslanyan** [00:36:58] Como lidera realmente o tipo de ONG original do Quênia, interage com sistemas globais e qual tem sido a sua experiência em parceria ou envolvimento com ONGs internacionais e que dinâmicas tem observado em termos de positivas, desafiadoras, como foi ou é a sua relação com esse tipo de organização?

**Angela Oduor Lungati** [00:37:29] Há muitos pontos positivos e também há alguns espaços onde há espaço para melhorias. As ONG internacionais vêm com a credibilidade e o nome em certos espaços globais. Assim, é muito fácil ou é muito mais fácil para eles mobilizar recursos rapidamente, especialmente em tempos de crise. Assim, a colaboração com eles em momentos em que há definitivamente muita confiança, ajuda a escalar o impacto muito além do que uma pequena organização local pode fazer, então isso é algo extremamente positivo, ser capaz de ser os gigantes em cujos ombros podemos estar. Mas, ao mesmo tempo, acho que tem havido um grande desafio em torno do poder e da dinâmica que o poder também traz. Na maioria das vezes, descobrirão que os atores locais e as organizações locais são deixados para serem mais implementadores do que criadores de soluções, então quem está a controlar o orçamento, onde estão as decisões a serem tomadas e as narrativas e sabe, e então tudo isso está em outro lugar enquanto os riscos e os encargos de denúncia estão situados localmente. Portanto, temos de ter a certeza de que sabemos que é quem está a construir a confiança com os beneficiários locais, mas não temos controlo ou dizer o que pode ser dito, o que pode ser feito e quantos recursos podem ser utilizados. Assim, em vez de ser uma parceria, passa a ser uma subcontratação. Alguns dos espaços onde tenho visto uma colaboração saudável é onde vejo a propriedade partilhada e um reconhecimento do que todos trazem para a mesa. Portanto, há orçamentos transparentes, há financiamento flexível, há conversas estratégicas conjuntas. Há um profundo respeito pela especialização local e ter isso é o que orienta as intervenções que estão a ser executadas em vez de fazer suposições de uma perspectiva global. Então, sim, acho que é realmente um chamado para modelar o que é realmente uma verdadeira parceria, para que possamos aceitar o contexto e a experiência vivida, comunidades mais próximas, não aquelas que estão mais distantes delas.

**Garry Aslanyan** [00:39:58] Interessante, e realmente o que disse em termos de muitas das ONG internacionais ainda deterem um poder significativo sobre o financiamento e a definição de agenda, acha que as plataformas tecnológicas como a Ushahidi ajudam a transferir o poder para as próprias comunidades?

**Angela Oduor Lungati** [00:40:19] Acho que podem, mas fazendo este grande aviso, alguém que é um construtor de tecnologia, que a tecnologia é um facilitador, é algo que ajudará a amplificar as soluções existentes em vez de ser a solução completa. Portanto, desde que a intenção de fazer uso dos dados que estão a ser recolhidos seja clara e esteja a ser usada da forma correta, então pode. E o que vimos com o uso da plataforma nos últimos anos é que, quando as pessoas conseguem partilhar o que estão a experimentar em tempo real com ferramentas às quais já têm acesso, quando baixamos essas barreiras, facilitamos o envolvimento nas suas próprias línguas, também vemos uma mudança comportamental, é quase como se estivéssemos a dar às pessoas a propriedade sobre o que vai ser a solução. Trata-se realmente de dar a estas comunidades uma agência para determinar que histórias estão a ser contadas e que soluções estão a ser dadas. Portanto, sim, pode ser uma boa maneira de mudar a forma como a informação está a fluir para que tenhamos uma compreensão mais profunda do que o solo realmente precisa e depois usar isso para influenciar. Mas, mais uma vez, como eu estava a dizer, a intenção tem de estar lá porque vão descobrir, quer dizer, mesmo hoje, quando vemos muito do que está a acontecer com os jovens, os jovens estão a ser muito claros sobre o que querem do mundo de hoje. Mas se ninguém vai ouvir e depois fazer alguma coisa, alguma coisa com

isso, então é irrepreensível. Portanto, a tecnologia tem de ser combinada com a intenção, a vontade e a aceitação dos decisores.

**Garry Aslanyan** [00:42:02] É um forte defensor do uso responsável da IA em África, mencionou isso. Como vê a IA desempenhar um papel na garantia de que os dados locais, as línguas locais e as vozes locais estão devidamente representados na tomada de decisões e na inovação?

**Angela Oduor Lungati** [00:42:21] Penso que estamos numa altura em que, especialmente no continente africano, a IA pode aprofundar a exclusão ou ajudar a corrigi-la. Penso que a diferença está realmente em quem vai conseguir moldá-lo. A IA responsável pode garantir definitivamente que as comunidades estão a ser ouvidas em escala. Se conseguirmos traduzir entre idiomas, analisar grandes volumes de feedback, ser capazes de detectar padrões precocemente e apoiar melhores decisões. E penso que isso é importante, especialmente no continente africano, onde temos uma abundância de línguas locais. Penso que temos mais de 2000 línguas indígenas no continente africano. E se pudermos garantir que há algum tipo de representação nas ferramentas de IA, pensem no que isso significaria para muitos dos projetos que estão a ser geridos por pequenas ou grandes ONG e o que isso significará para a escala de alcance. Mas também vale a pena notar que essa representação não é apenas técnica, não é apenas para garantir que a linguagem está lá. É também em termos de governação, porque o que não queremos fazer é facilitar a extração, ou o que chamamos de extrativismo de dados, onde se faz todo este trabalho para tentar tornar estas linguagens representativas, mas não há valor voltar para as comunidades. Como é que damos agência às pessoas em torno de quais dados podem ser usados para representá-los nestes sistemas de IA e que valor lhes é devolvido? Então, acabamos por ver como, se pudermos ajudar as pessoas a decidirem como esses dados são recolhidos, partilhados e usados, a IA também pode ser uma ferramenta de dignidade e participação. Então, acho que para mim, o objetivo não são apenas dados africanos na IA para representação, mas é realmente uma agência africana dentro dos sistemas de IA. Por isso, continuemos a construir canais onde possamos continuar a tentar verificar a informação onde podemos continuar a reforçar a literacia digital e apoiar as comunidades a organizarem-se com segurança, continuar a defender as estruturas de governação corretas e as políticas que respeitam os direitos, pensando assim na proteção de dados, transparência e limites à vigilância. Então, se alguma coisa, parece que temos mais trabalho a fazer. O âmbito de trabalho para a sociedade civil parece que está a aumentar.

**Garry Aslanyan** [00:44:46] E talvez isso me traga à minha última pergunta de, com tudo isso em mente, e do seu ponto de vista de trabalhar neste espaço, que formas de apoio, como o que é financeiro, estrutural, tecnológico, político, que as ONG como nas suas palavras, as ONG locais, os movimentos de base, precisam realmente para florescerem plena e verdadeiramente.

**Angela Oduor Lungati** [00:45:15] A primeira, precisamos de um financiamento flexível e a longo prazo. Sabem, o financiamento que realmente é, reconhece a experiência que temos e que existe e permite-nos concentrar-nos realmente em fazer o trabalho. Portanto, não estamos apenas a perseguir ciclos de subvenções e não estamos a preocupar-se constantemente sobre onde, sabe, quando vai entrar a próxima ronda de financiamento ou focar demasiado nos relatórios. No lado das infraestruturas organizacionais, acho que há sistemas de aprendizagem, um pouco de capacitação. Então, olhando para quais são algumas das lacunas internamente, poderia ser a segurança, poderia o financiamento, poderia a literacia digital, realmente olhando exatamente como isso seria, e especialmente nos dias de hoje, acho que uma das maiores realizações à medida que continuamos a navegar nesta era da IA é a percepção de que a sociedade civil está apenas a entrar na conversa agora mesmo. A conversa centrou-se em grande parte nos construtores de tecnologia e especificamente em alguns seleccionados, e mais no contexto dos dramas geopolíticos que podem estar a acontecer, em vez de

pensar realmente sobre como podemos fundamentá-lo na amplificação de parte do impacto que estas organizações da sociedade civil estão a construir. Portanto, o acesso à tecnologia também é bom. Ajudar-nos a trabalhar com sistemas de dados seguros, preservação da privacidade, inteligência artificial, muita capacitação em torno disso. Mas o mais importante, penso que a protecção do espaço cívico também é importante. Acho que temos assistido a um pouco de retrocesso em muitas partes do mundo onde parece que falar já não é kosher ou que somos perseguidos por falar contra certos males. Então, sabem, olhar para o que é a protecção jurídica, olhar para o que é o respeito político e apenas reconhecer que uma sociedade civil forte fortalece realmente a democracia em vez de a ameaçar. Esses seriam os meus principais pedidos de apoio.

**Garry Aslanyan** [00:47:38] Foi ótimo ouvir tudo isso, Angela, muito obrigado, particularmente trazendo aquelas mudanças transformacionais realmente interessantes que estão a acontecer e como grupos locais como o seu estão a funcionar.

**Angela Oduor Lungati** [00:47:51] Muito obrigado por me recerarem. Gostei muito desta conversa.

**Garry Aslanyan** [00:47:56] Achei a conversa de hoje com a Deborah e a Angela esclarecedora e genuinamente esperançosa. Três reflexões ficam comigo. Primeiro, o modelo INGO está numa encruzilhada. A questão não é se as ONGs vão mudar, mas sim se o farão em verdadeira parceria com as comunidades locais. Em segundo lugar, a proximidade é forma ou perícia. As pessoas mais próximas de um problema carregam conhecimentos e contextos que não podem ser ignorados, e as nossas estruturas globais de saúde precisam de reflectir isso. E terceiro, a tecnologia pode ser igualada mas apenas quando é concebida em torno da agência e não apenas do acesso. Vamos ouvir de um dos nossos ouvintes.

**Sam Oti** [00:48:55] Chamo-me Sam Oti, a ouvir o podcast Global Health Matters de Nairobi, Quênia. O que eu realmente aprecio no podcast é que ele traz profundidade de volta às conversas globais sobre saúde. Isto é realmente importante num domínio que, na minha opinião, pode ser caracterizado por chavões e, por vezes, um pouco demasiada retórica. No que me diz respeito, o podcast criou um espaço muito necessário para a reflexão crítica na saúde global. Muitos dos episódios vão além das narrativas esperadas. Eles abordam questões difíceis sobre o poder, sobre a equidade e sobre cujo conhecimento conta na saúde global. Também aprecio a honestidade intelectual da diversidade de convidados do programa. Os convidados do Garry não fingem que as soluções são simples, quer estejam a falar de preparação para pandemias, reforma dos sistemas de saúde, ou mesmo de descolonizar a saúde global, os hóspedes tendem a reconhecer as compensações e incertezas que o nosso campo enfrenta, que é exatamente o que uma liderança séria em saúde global exige. Para qualquer pessoa empenhada em fortalecer os sistemas de saúde e promover a equidade na saúde, o podcast Global Health Matters não é apenas mais um podcast para mim. É um espaço de pensamento crítico e de diálogo significativo, que penso que é exatamente o que precisamos nestes tempos muito incertos para a saúde global e para o sector do desenvolvimento mais alargado.

**Garry Aslanyan** [00:50:43] Obrigado Sam, por essa mensagem. Aprecio muito as vossas reflexões sobre o podcast e o papel que desempenha neste momento importante da evolução da saúde global. Se ainda não o fez, subscreva a newsletter Global Health Matters para não perder o resto das nossas conversas da quinta temporada sobre o futuro da saúde global. Para saber mais sobre o tema discutido neste episódio, visite a página do episódio onde encontrará leituras adicionais, notas de programa e traduções. Não se esqueça de entrar em contacto connosco através das redes sociais, e-mail ou através da partilha de uma mensagem de voz, e não se esqueça de subscrever ou seguir-nos onde quer que receba os seus podcasts. Global Health Matters é produzido pelo TDR, um programa de

## EPISÓDIO 66. SERÁ ESTE O FIM DAS ONG TAL COMO AS CONHECEMOS?

---

investigação co-patrocinado pelas Nações Unidas baseado na Organização Mundial da Saúde. Obrigado por ouvir.